

Tânia Laranjo

O Fugitivo

A história de Pedro Dias

**OFICINA
DO LIVRO**

INTRODUÇÃO

Quando, a 11 de outubro, Octávio Ribeiro, diretor do CM e da CMTV, me mandou para Aguiar da Beira, não hesitei. Sou redatora principal da publicação onde trabalho, a minha área de jornalismo sempre foi a Justiça, mas continuo a apaixonar-me por cada história cada vez que saio de casa para a relatar.

Este caso parecia, naquele momento, ter todos os ingredientes para ser um enorme mistério. Um banho de sangue, um louco, ou vários, em fuga, elementos da GNR e inspectores da PJ desesperados numa corrida contra o tempo.

Há grandes histórias que começam com muito menos e outras que, com muito mais, acabam por não ter sustentação. O jornalismo faz-se de histórias e todas devem justificar o nosso empenhamento, na consciência de que uma notícia se pode perder pouco depois na espuma dos dias ou ainda mais depressa na sua irrelevância.

Ao longo dos anos, acompanhei os mais importantes casos da Justiça em Portugal. Desde o escândalo da Casa Pia, quando ainda era jornalista do *Jornal de Notícias* e

depois do *Público*, até ao caso Sócrates, Monte Branco ou a operação Furacão, já no *Correio da Manhã*, onde me encontro desde 2007. Estive no Algarve quando Maddie desapareceu; já tinha estado, não muito longe da praia da Luz, numa pequena aldeia de Portimão, quando a mãe de Joana disse que a filha tinha sido raptada. Calcorreei as serras de S. João da Pesqueira à procura de «Palito», como ficou conhecido Manuel Baltazar; corri nas levadas da Madeira enquanto o pequeno Daniel ainda era dado como raptado.

É mesmo nesses ambientes que me sinto mais confortável. É na mesma rua que agora, na CMTV – num desafio que se chama televisão e que nunca pensei abraçar quando já tinha 40 anos –, posso contar a milhares de pessoas o que está a acontecer, em tempo real. Com os erros próprios de trabalhar nesse mesmo tempo real, mas com a humildade de corrigir a informação sempre que a forneço de forma mais apressada. *Ao contrário de muitas teses, não há jornalismo de papel, de rádio, de televisão ou mesmo de suporte digital. O jornalismo é transversal a todas as plataformas e lavrar no contrário é apenas uma forma de nos equivocarmos ou então um argumento mais para não nos levantarmos da cadeira para ir à rua.*

A fuga de Pedro Dias, como é sabido, demorou 28 dias. Mais três, se contarmos a entrega e o interrogatório. Trinta manhãs, trinta tardes e trinta noites. Estive apenas dois dias fora do caso, uma delas por imposição do mesmo diretor que me mandou para Aguiar da Beira e que me obrigou a dormir ao final da primeira semana sem paragens. O segundo momento de descontração aconteceu quando pensava que a busca tinha abrandado. Também porque percebi que sem dormir

não conseguia prestar um bom serviço aos meus leitores e espetadores.

Com a «sorte» que me é característica – estava a chegar a casa, no centro do Porto, quando Manuel Baltazar, conhecido por «Palito», foi apanhado pela PJ de Vila Real, em Trevões, onde também estive mais de trinta dias – escolhi como dia de folga exatamente o dia em que Pedro Dias se entregou perante as câmaras de televisão. *A repórter não estava lá!*

Ao longo desta minha viagem houve os mais variados percalços. A começar pelo primeiro dia em que saí de casa com uma fina camisola e ainda de sandálias e acabei a dormir numa serra, dentro de um carro e debaixo de um frio cortante. Salvaram-me os colegas de outros jornais e televisões – um que me emprestou um casaco, outro um guarda-chuva que tinha o logótipo de outra televisão e que me obrigava a fazer um direto «estático» para que ninguém o percebesse; ou ainda umas calças que eram manifestamente largas, mas que o meu colega Pedro Lourenço Ferreira fez favor de nunca «apanhar» na câmara da CMTV, filmando-me apenas da cintura para cima. Salvou-nos também um minimercado onde se vendia quase tudo e que permitiu que comprássemos alguns bens considerados básicos, para o que se adivinhava ser uma longa espera.

O primeiro direto noturno foi aterrador. A escuridão, a urgência dos diretos, o vento gelado da serra, o medo criado pela situação. Apesar de tudo, a adrenalina que surge nestes momentos compensava, de certo modo, o desconforto.

A determinado momento não conseguia controlar o frio e era visível, para quem estava em casa, que tremia

a cada segundo. Não conseguia sequer raciocinar e estava a lutar contra mim mesma para fazer um trabalho que tinha consciência de estar a chegar a casa das pessoas de forma muito deficiente.

Nessa primeira noite, eu e o Pedro Lourenço Ferreira comemos no carro, depois de pedirmos a uma outra equipa da CMTV que nos trouxesse alimentos do posto de combustível mais próximo. Foi dessa forma que muitas vezes nos alimentámos, com pão, bolachas e sumos, na consciência de que não podíamos sair dos locais onde tudo estava a acontecer, não podíamos arriscar não estar presentes se Pedro Dias fosse capturado. *No fundo, os capturados éramos nós. Capturados pelo dever.*

Os dias que se seguiram foram igualmente intensos. O hotel ficava a mais de meia hora de viagem, dormíamos depressa e sem sonhos e regressávamos à freguesia do Candal, em S. Pedro do Sul, para fazer reportagem e acompanhar as buscas a par e passo.

A ida a Espanha – atrás da pista de um assalto a um carro à mão armada que apontava para a possibilidade de ter sido Pedro Dias, depois de ter conseguido entrar no país vizinho – acabou por ser mais cansativa do que propriamente produtiva. Sabemos agora que, afinal, Pedro Dias sempre esteve em Arouca, mas essa certeza não existia naquela altura. E por isso arriscámos. *Não podia ser de outra maneira. O tiro no escuro era obrigatório.*

Este tipo de jornalismo – de casos do dia, de crimes de sangue – sempre foi considerado, pelos meus pares, como um jornalismo menor. É onde é mais fácil errar, porque se trabalha muitas vezes sem rede, sem certezas e com a maior possibilidade de acontecerem situações como a de Espanha, quando estávamos a seguir uma pista falsa.

Sei também – há mais de 20 anos que faço desta a minha forma de vida – que não há histórias pequenas.

Mas confesso que não contava que o caso de Pedro Dias apaixonasse, da forma como aconteceu, grande parte do nosso país.

Dos trinta dias que passei atrás do homem que depois se entregou em direto a uma câmara da RTP e a um jornalista do *Diário de Coimbra* ficaram muitas outras histórias, das quais realço a passagem por Vila Real e Sabrosa, onde ficámos cerca de duas semanas e onde fomos recebidos de uma forma que não tem explicação e que é difícil de reproduzir por palavras. Saíamos carregados de ofertas, desde enchidos a azeite, vinho e outras iguarias. Gente que não conhecia tornou-se a minha família naquelas duas semanas: o restaurante Constantino, em S. Martinho de Anta, transformou-se na nossa primeira casa, quase como se ali fosse o posto de comando das várias equipas da CMTV que se mantinham no terreno.

Se os dias em que havia buscas e pistas concretas para relatar eram intensos, mais difíceis eram aqueles onde nada era visível e nada acontecia. Era preciso procurar informação a cada esquina, tentar encontrar histórias que dessem resposta a quem nos acompanhava e queria saber afinal onde estava o fugitivo mais procurado do país. A fome de informações de quem está em casa, na sua zona de conforto, é sempre leonina e tem de ser saciada muitas vezes com uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma. A televisão é um animal feroz que nos aponta sempre uma arma em forma de câmara de filmar.

Nesses momentos, fizemos quase um pouco de tudo. Confesso que não conhecia S. Martinho de Anta, terra de Miguel Torga, mas tudo o que aprendi também tentei transmitir a quem me via e ouvia em casa. Fui aos moinhos, onde o médico que deu nome ao Reino Maravilhoso escreveu muitos dos livros, e mostrei espaços degradados onde Pedro Dias se podia esconder. Percorri a serra,

encontrei abrigos absolutamente fantásticos, minas de volfrâmio abandonadas que podem servir de esconderijo para qualquer criminoso.

De Torga ainda falando, que nunca terá imaginado que as fragas de S.Martinho de Anta fossem palco de uma perseguição policial, recupero, apenas, uma passagem do seu diário, na qual se reporta às caçadas que por aqui fazia, carregando «o cilício da espingarda», à procura de lebres e perdizes por «montes e montes devorados a passos largos e sôfregos», situação que definiu como «um suicídio ao contrário».

Quando Pedro Dias foi preso, como perceberam, eu estava em casa, no Porto, na tal merecida folga. Preparava-me mesmo para sair à noite, ultimava alguns pormenores, quando a minha filha gritou da sala: «Mãe, estão a ligar-te. É o Carlos Rodrigues!». A minha filha, cujo pai também é jornalista, cresceu nas redações e depressa aprendeu a estar atenta a qualquer sinal de novidades. Também ela permanece, por isso, em estado permanente de alerta e prontidão.

O telefonema do meu diretor-adjunto deixou-me gelada. Disse-me que a RTP acabava de avançar que Pedro Dias se tinha entregado, que tinha sido uma coisa combinada com o canal público, que era um exclusivo que tínhamos falhado depois de tanto esforço para estar sempre em cima da notícia e do acontecimento.

Naqueles minutos que se seguiram – onde fiz várias chamadas para confirmar as circunstâncias da entrega –, reconheço a frustração de morrer na praia. Não por não ter sido eu, mas por não ter sido a minha televisão a estar ali, a registar aquele momento em que Pedro Dias finalmente se decidiu render, acabando com o jogo do toque e fuge que nos estava a deixar a todos à beira de um ataque de nervos.

Percebi depois que nunca seríamos nós os escolhidos por Mónica Quintela. A advogada foi clara na apresentação feita aos jornalistas quando aqueles se cruzaram com Pedro Dias. «São da minha confiança», garantiu-lhes.

Uma coisa é certa: a frustração de que falo, o desalento e o desagrado foram sentimentos a que me obriguei combater rapidamente. Era preciso continuar, perder e ganhar a seguir sempre foi a minha maneira de entender a vida. É esta a forma como se vive o jornalismo na empresa onde trabalho.

Entrei em direto ao telefone a partir de casa, para avançar com os pormenores que então já tinha recolhido, e meia hora depois estava a atirar algumas roupas para uma mala e seguia viagem para a Guarda, para o local onde Pedro Dias já se encontrava naquela altura.

Foi à porta da cadeia, já a madrugada ia alta, que olhei pela primeira vez nos olhos do homem que nos últimos trinta dias tinha virado a minha vida do avesso. Éramos os únicos jornalistas – eu e a repórter de imagem Raquel Sofia Machado –, mas Pedro Dias nunca desviou o olhar. Parecia já mais cansado do que o homem que tinha visto na RTP, mas continuava calmo. Posso quase jurar que ainda lhe vi um esboço de sorriso quando lhe apontámos a câmara. Quando percebeu que éramos nós, a CMTV, quem mais o tinha «seguido» e que afinal falhara a sua apresentação à Justiça.

Nesta altura lembrei-me de outros casos que não acompanhei no terreno mas que li com interesse quando deles tive conhecimento. O nome de Manuel «Alentejano» foi o primeiro que me veio à memória. Manuel Pedro Ramalho Dias foi autor de quatro homicídios e de vários roubos. Ele foi o líder, em 1978, de uma das mais espetaculares fugas

de uma cadeia portuguesa (Vale de Judeus), à frente de um grupo de 124 reclusos. Esteve um ano em fuga. Numa posterior entrevista a Jorge Trábulo Marques, Manuel «Alentejano» confessou um sentimento: «Quando mato fico sempre um pouco deprimido».

A entrada de Pedro Dias na prisão da PJ da Guarda foi mais uma vez um momento de alguma confusão. A viagem até à cidade mais alta de Portugal tinha sido feita em tempo recorde, o nevoeiro cerrado tinha-nos roubado alguma energia e aumentado a ansiedade de falharmos aquele direto.

A Raquel, que me acompanhava, tem apenas 25 anos. Estava há dois meses na CMTV, também estava de folga naquela noite, mas tinha prontamente respondido que sim, que ia comigo, quando soube da captura de Pedro Dias.

No momento em que o carro da Polícia Judiciária chegou ao pátio da cadeia – chovia torrencialmente e estávamos havia mais de uma hora debaixo de mais uma sessão de um frio cortante –, o sinal que nos permitiria o direto perdeu-se. Era preciso decidir rápido, não havia espaço para procurar uma falha técnica e correr o risco de perder a imagem. Não havia possibilidade de não registarmos aquele momento. O dia já tinha sido marcado por alguma frustração e nessa altura lembrei-me de um provérbio que diz que não há nada tão ruim que não possa piorar. Mas as coisas realmente não pioraram, embora as imagens captadas e transmitidas não tivessem primado pela qualidade.

As horas que se seguiram foram outra vez de desgaste intenso. Nessa noite, passámos literalmente por um hotel, onde só estivemos cerca de duas horas. Avançámos depois para Aguiar da Beira, à procura das famílias das vítimas e,

ao final da manhã, perante mais uma adversidade – mais um sinal que caiu, no momento em que devíamos entrar no ar –, vi as lágrimas de desespero da minha colega, que não paravam de lhe saltar dos olhos. Ela dava tudo, naquele momento, para não falhar, para conseguir mostrar, a quem estava em casa, tudo o que estava a acontecer. A Raquel cedia ao cansaço, à pressão e ao desespero. Porque, do outro lado das câmaras, os jornalistas também choram e a jornalista que estava comigo sentia o peso do que não é um jornalismo menor. Mesmo que muitos o assegurem.

Mas foi depois, com a mãe de Luís Pinto, o jovem baleado quando acompanhava a mulher a uma consulta de fertilidade, que também eu me senti verdadeiramente impotente. Esse acabou por ser o momento mais difícil dos trinta dias de reportagem, porque não esqueço as lágrimas daquela mulher a perguntar-me, a mim, que também sou mãe, como é que se pode ultrapassar a morte de um filho. Como se pode continuar a viver sabendo que alguém, sem nenhum motivo, nos roubou a razão de viver.

O último dia, já no tribunal da Guarda, foi a correria habitual, mas num ambiente que para mim já é mais confortável. A linguagem jurídica não me é estranha, os cenários possíveis eram evidentes. Estava já, novamente, na companhia do repórter de imagem Marc Ricardo Silva, que foi quem permaneceu nas buscas durante mais tempo e que no dia da prisão estava também de folga e a mais de 300 quilómetros da Guarda. Comigo tinha vivido muitos momentos de tensão, medo, raiva e muitas alegrias e não estava disposto, por nada, a perder o epílogo daquela história.

A única surpresa naquele dia de interrogatório foi mesmo o número protagonizado por Pedro Dias já ao princípio da noite – deu uma entrevista de cara descoberta e depois pediu para sair pela porta dos fundos. O frio vol-

tou a ser o nosso maior inimigo. Não é por acaso que se diz da Guarda que é a cidade forte, farta, fiel, formosa e... fria.

A saída de Mónica Quintela – que ia comunicar o óbvio, ou seja, que o seu cliente ficava em prisão preventiva – voltou a ser outro momento intenso. Seguramente mais de metade das perguntas foram feitas por mim e estavam longe de ser confortáveis para a advogada. Sentia-se a tensão no ar, mas registei também com agrado o profissionalismo da causídica, que nunca me viu como «inimiga», apenas como a mais incómoda entre o grupo de profissionais que naquele momento faziam o seu trabalho.

Ao longo destes trinta dias de trabalho fomos também muitas vezes desmentidos pela concorrência direta, que não assumia a importância da história, mas não se afastava do local onde nos encontrávamos. E que questionava tudo o que fazíamos, mesmo muitas vezes repetindo-o com algumas horas de atraso. É uma postura a que estamos habituados na CMTV e que não nos faz qualquer tipo de moosa – pelo contrário, apenas continua a confirmar o nosso bom caminho.

Recordo, por exemplo, quando foram encontrados os vestígios da passagem de Pedro Dias pela Casa da Eira, quando muitos se apressaram a desmentir as informações por nós dadas em primeira mão; ou o jipe roubado na Quintal do Portal, que outros tantos asseguravam nada ter a ver com o fugitivo. Quem não tem cão pode caçar sempre com gato, mas nunca é a mesma coisa.

Uma última nota. Não é fácil muitas vezes sermos imparciais, como mandam os códigos de ética, aprendidos nos bancos da faculdade. O jornalismo não é uma coisa amorfa, os jornalistas não são produtos, sem sentimentos, que não expressam a sua forma de ver o mundo, que não relatam o que os seus olhos, feitos de experiência e

vivências próprias, lhes mostram a cada momento. O jornalista não é um autómato programável nem é produzido numa linha de montagem, embora esse seja o desejo de muitos que povoam as nossas redações pouco produzindo e muito criticando.

Senti isso, exatamente, nesse último dia na Guarda. Foi uma resposta de Rui Silva Leal, advogado e marido de Mónica Quintela, que quase me fez passar a linha que a minha profissão exige. «O meu cliente está calmo. Mas naturalmente fica mais perturbado e até chora quando lhe falamos da filha», disse Rui Silva Leal.

Naquele momento, não fiz a pergunta que me ficou entalada na garganta. Queria que Rui Silva Leal me dissesse qual era a resposta certa que eu não consegui dar à mãe de Luís Pinto. Como é que um dia alguém pode superar a morte do filho que Pedro Dias, por puro egoísmo, lhe roubou numa estrada, quando ia à procura de notícias do seu primeiro filho.

I

Pedro João Ribeiro Costa Pinho Dias. Pedro João para os arouquenses. Pedro Dias para o país que o conheceu na manhã de 11 de outubro de 2016, após ter protagonizado um banho de sangue em Aguiar da Beira.

Pedro Dias nasceu em Luanda, capital angolana, a 13 de fevereiro de 1972. Um menino igual aos outros, filho mais novo, amado pelos pais, protegido pela família, num tempo de grande prosperidade de uma cidade que fazia inveja à própria capital do «império», Lisboa.

O 25 de Abril apressou o regresso. Pedro João tinha dois anos, a metrópole, logo ali, passou a novo lar. Regressaram todos a Arouca, terra dos avós paternos. Instalaram-se no centro da vila arouquense, onde fizeram fortuna.

A avó abriu primeiro uma farmácia. Depois, uma segunda. Anos de prosperidade, com a família a dar mostras de desafogo económico. O pai, engenheiro de profissão, também tinha um bom emprego. A mãe era professora. A família vivia sem dificuldades, ganhando rapidamente um estatuto social ao alcance de poucos dos habitantes da terra onde D. Mafalda, a santa filha de D. Sancho I, fundou um importante convento.

Pedro foi um aluno sem problemas até ao 9.º ano. Fez a escolaridade sem qualquer percalço. Nunca reprovou. Bom colega, namorado, sempre com sucesso junto das miúdas. Todos conheciam o Pedro João, o rapaz filho de boas famílias, simpático e gentil e nada dado a excessos, com todas as credenciais para ser um bom partido e um bom marido (esta ordem nem sempre é arbitrária).

A adolescência trouxe os primeiros problemas. Pedro começou a reprovar e o 12.º ano de escolaridade foi já feito com dificuldade e esforço. Muitos garantem que só o peso e o estatuto dos pais, naquela terra pequena, permitiram que Pedro Dias terminasse o liceu. Tal como só a influência dos pais permitiu que o seu primeiro crime nunca ficasse registado.

Pedro Dias tinha 15 anos quando falsificou um cheque de 20 mil euros. Mas o pai pagou e ocultou a vergonha. Ignorou os primeiros sinais, os primeiros indícios de que algo estava mal na personalidade de Pedro João. E de que podia piorar.

A verdade é que, havia muito tempo, Arouca era uma terra perdida no mapa. Os acessos para a capital do distrito – Aveiro – faziam-se com dificuldade. Sitiada por serras, a vetusta vila sempre se sentiu fora do seu ambiente. O contacto dos arouquenses com Aveiro (cujos naturais têm uma identidade muito diferente dos de Arouca) sempre foi escasso, fugaz e meramente burocrático. «Os arouquenses iam a Aveiro para tirar o bilhete de identidade», conta a rir o padre Américo Vilar, que há 78 anos nasceu em Arouca.

O isolamento arouquense é de tal sorte que foi por pouco que não aproveitou o período que levou à construção de autoestradas um pouco por todo o país. A mais próxima dista trinta tortuosos quilómetros, apenas atenuados por uma espécie de via rápida que termina na mais

íngreme e longa das subidas na direção do Porto. A promessa de que seria completada tem sido renovada todos os anos mas a torneira do financiamento fechou...

O sentimento de pertença ou de afinidade em relação à cidade de Aveiro, que é uma cidade da região centro também mas situada junto ao litoral, é muito ténue. Os arouquenses sentem-se mais perto do Porto e da região Norte. A sua referência sempre foi a cidade invicta. A identidade estrutural do concelho está no Douro Litoral, tanto mais que o município se situa em plena bacia hidrográfica do rio Douro. O espaço urbano principal dista, por estrada, cerca de cinquenta e cinco quilómetros do Porto e cerca de trinta e cinco das fronteiras oeste e noroeste do concelho. Os arouquenses vêem o Porto e o Grande Porto como o prolongamento do território do município de Arouca e vice-versa. São locais que fazem parte das suas vidas quotidianas, bem como das dos seus descendentes, num espaço coeso e identitário que é habitado e vivido de modo contínuo.

A história de Arouca pode também ser a história de Pedro Dias. Nunca se sentiu verdadeiramente na sua terra. Foi sempre diferente, rapidamente quis fugir à pequena «aldeia» que parecia asfixiá-lo. Pedro queria globalizar-se, sair da concha, soltar as amarras. Era maior do que a sua terra, que não o entendia. Que não via verdadeiramente quem ele era.

Aos 19 anos, escolheu uma carreira militar. Fez o curso de deteção aérea na Força Aérea, tendo sido, posteriormente, piloto aviado na Comair Airways, uma subsidiária sul-africana da British Airways. Operou nessa altura na África do Sul, no Botswana, no Zimbabwe e em Madagáscar. Segundo o que disse, esteve também a trabalhar na Europa, pilotando regularmente aviões para Madrid, Barcelona e Amesterdão. Mas aquele que viria

também a ser conhecido por *Piloto* cansou-se rapidamente e só esteve nessas glamorosas funções durante três anos. Como sempre se cansou dos trabalhos que tentou manter ao longo da vida ativa. O mesmo se aplicou às mulheres com quem se cruzou e de que se foi afastando após curtos relacionamentos.

Aos 23 anos, o jovem que todos respeitavam – mais pela família, considerada exemplar, do que pelos seus próprios atos, que naquela altura já eram motivo de falatório privado mas que ninguém ousava questionar em público – decidiu ir explorar uma quinta. Queria produzir coelhos, usou um espaço da família, garantiu que se ia transformar num agricultor de sucesso e que ia continuar a fortuna que todos acreditavam ser eterna.

A paixão dos cavalos estava-lhe também no sangue. Aprendeu a montar muito cedo, pois os pais eram donos de alguns animais. Sempre que não conseguia gerir as suas ansiedades, procurava os cavalos. Fugia da realidade, à procura de algo que era só seu. Era no seu mundo que se sentia mais confortável, na ilusão que construía com a sua delirante imaginação.

Numa dessas aventuras, Pedro caiu de um cavalo. Os ferimentos não são graves, mas obrigam-no a um internamento. É no hospital que Pedro Dias conhece uma enfermeira que lhe arrebatava o coração. O namorado está ali, indefeso, e a mulher, após um curto namoro, decide casar com o grande sedutor que conheceu em convalescença.

Mas, declaradamente, a vida em comum não parece feita para Pedro Dias. A vida de casal é curta – dois anos e meio – e a separação acontece e é amigável. Não há descendência, a mulher desaparece da vida de Pedro Dias da mesma forma como entrou: como um vento que muda de direção. Em Arouca, são poucos os que se recordam da sua existência, da sua passagem.